

Apresentação. Tradução em questão.

A tradução: Por um bom tempo vem sendo problematizada, especialmente, a partir da especialização acadêmico-intelectual na década de 1990 na sua teoria, disciplina, prática e, inclusive, nas confissões do tradutor; todo um debate global discutido nos *Translation Studies*. Vê-se a inadequação da compreensão do traduzido de um código para o outro como mera transformação mecânica entre línguas. A tradução como discurso não é inocente pois é atravessada por sentidos, contextos, culturas e eras diversas, interesses editoriais e comerciais. Junto aos problemas da gramática, a própria noção de cultura veio a ser colocada em questão nas noções de diferença, de alteridade, na era da globalização onipresente marcada pelas leis do mercado e pelos gostos múltiplos do consumo. Situação conotativa de uma verdadeira “jungla” ou selva transcultural, como sugere a célebre pintura do cubano Wifredo Lam que ilustra a capa desse número. Três artigos exploram a “selva” da tradução.

Ronaldo Mendes dá conta das exigências ao traduzir do espanhol para o português *Viriditas* (2011) da mexicana Cristina Rivera Garza. O tradutor – o próprio autor do artigo – “traduz” a partir da noção de “transcriação” ou tradução criativa. Tenta assim superar o vazio do mecanicismo, quando confrontado no original, através da *hermeneia* ou interpretação, no caso, de algum termo latino (precisamente, *viriditas*), de algum uso da barra oblíqua no verbo como abertura semântica, ao mesmo tempo em que os leitores têm a oportunidade de apreciar a prática “transcriativa” de Ronaldo nos trechos traduzidos por ele da obra de Rivera Garza. Além da inter-relação entre códigos e hermenêutica, no segundo artigo, Milla Benicio estuda a “tradução” cultural do Brasil segundo a visão de Jean-Pierre Langellier, jornalista correspondente do *Le Monde*. Em tempos globais, o tempo e o espaço estão sujeitos a uma imediatez e saturação que desestabilizam o sentido moderno de cultura e de identidade nacional estável. No caso, as crônicas de Langellier vão “esticar” – o termo é da autora – o imaginário brasileiro na língua francesa, mas desafiando a oposição mesmo/outro do sujeito estrangeiro – aqui, um francês – evidenciado no seu uso de intelectuais ícones da cultura brasileira e, de forma peculiar, a “não-tradução” de termos chave desta cultura para sua audiência francófona. Patrícia Santana enxerga na cadeia material do processo editorial o lado talvez menos inocente do produto traduzido, reiteremos, na demanda global sobre informações e notícias igualmente mundiais. O tradutor, espécie de “re-escritor”, não só lida com as complexidades da palavra e da cultura, mas também com as do mercado. Aparece, assim, a figura do “iniciador”, agente da indústria editorial, ciente das demandas mercadológicas, cujos interesses podem rivalizar e até dominar os do tradutor. Nenhum dos dois está isento de culpa.

O presente número oferece quatro artigos na seção temática livre. Entre a ficção e a autoficção de *Algum lugar* de Paloma Vidal, Lucas Carvalho explora a construção e destruição da identidade do sujeito contemporâneo através dos espaços que transita e que formam a própria vivência heterogênea de si. Encenadas entre Los Angeles, Rio de Janeiro e Buenos Aires, as experiências migratórias da ida e da volta constroem e reconstroem a memória e a identidade onde o familiar se torna estranho numa situação babélica e solitária entre a incomunicabilidade multilíngue e os infinitos labirintos urbanos. A migração como problema da identidade não só se refere à complexidade espacial do contemporâneo, mas também às hierarquias e aos estereótipos entre o Sul e o Norte, no caso, em *Let it Rain Coffee* da dominicano-americana Angie Cruz. O

trabalho de Cláudia Simões sobre essa obra mostra como o consumo idealizado dos produtos televisivos estadunidenses (no caso, *Dallas*) cria expectativas aos olhos dos migrantes caribenhos que, ao chegar nos Estados Unidos, sofrem um duro conflito identitário. Não só em termos do choque entre a ilha deixada, percebida negativamente, e a grande metrópole idealizada, mas entre mundo romântico da telenovela e a realidade desigual das minorias “de cor” dentro do contexto anglo-americano.

A experiência do desencanto na literatura e na arte supõe a queda da promessa futura do bem-estar que a modernização não concretizou. Experiência que, embora não de forma idêntica, se repete no Brasil e na Argentina no final do século XX (cujo viés latino-americano está marcado por uma “pulsão ética”, nos diz Heyk Pimenta), tanto quanto na Europa no início desse século até, inclusive, a formação nacional do “americanismo” de cunho estadunidense na figura de Walt Whitman. Assim, a leitura relacional do autor faz dialogar teoria crítica, poesia e artes visuais aquém e além da América Latina. Através da distinção entre os termos *Erfahrung* (experiência) e *Erlebnis* (vivência), Walter Benjamin dá uma explicação sobre a mudança da sociedade tradicional à industrial. O estudo de Tatiana de Freitas aprecia o caráter heterodoxo do pensamento marxista do importante filósofo alemão que parte da oposição freudiana entre os termos consciência e memória associados, respectivamente, àqueles mencionados. Assim, a escrita ensaística benjaminiana analisa o perigo das novas formas de percepção-consciência, por exemplo, a partir da análise do cinema, num mundo que intensifica o domínio da reprodução técnica, por sua vez, dominada pela estetização da política do capitalismo nazifascista.

A Revista Garrafa tem prazer em oferecer esses resultados das pesquisas dos alunos de Pós-graduação da UFRJ, ao mesmo tempo em que queremos reiterar nosso compromisso como veículo de divulgação de trabalhos provenientes de instituições brasileiras, hispano-americanas e, na medida do possível, do resto do mundo. Desejamos que a Revista Garrafa seja um espaço que contribua para os estudos da literatura e da cultura além das fronteiras.

Comissão da Revista Garrafa